

JUNHO 2006



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO MÉDICA DA FACULDADE DE MEDICINA • UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NEWSLETTER TRIMESTRAL

Editorial

A história conta-nos muito. Encontramos sempre razões para o que sucede hoje olhando para o que aconteceu ontem. Mesmo perante mudanças tão radicais e contínuas como as dos tempos que vivemos. O passado continua-se inevitavelmente no presente. Mas porque é impossível modificar o passado, a única solução que nos resta para alterar o futuro é mudar no presente.



Assim tem de suceder no âmbito do ensino médico. Assim está a suceder. Mudanças profundas vêm sendo propostas e concretizadas. Nelas estão envolvidas algumas das mais prestigiadas escolas médicas do panorama internacional. Mudanças por vezes encaradas como ameaças por aqueles a quem a compreensão dos novos tempos tem levado mais tempo a chegar. Estes caminhos novos do ensino médico terão de ser explorados com inteligência e arrojo. Sem condicionalismos ao politicamente correcto, ao pessoalmente conveniente, a interesses eventualmente instalados, a cumplicidades ou conivências. Terão de passar por uma reinvenção de métodos e pela afirmação do sonho sobre o real, com a consciência plena da possibilidade de desmultiplicação de realidades. Num processo que necessitará obviamente de ajustes e procura constantes, de se saber aceitar o facto de que nunca nada está completo.

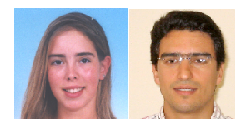
Saibamos pois estar atentos às novas realidades e conceitos de ensino. Que não são nem ficção nem ensaio. Sabendo evitar que o objectivo de mudança se torne numa obsessão que tudo polariza, mas aceitando a honradez da divergência e do confronto de ideias, expressão de uma diversidade que é riqueza. Aceitando e compreendendo a linguagem das distintas perspectivas que o olhar e o pensamento podem encontrar na mesma coisa. E sabendo compreender o quanto pode ser positivo o espírito insubmisso e por vezes incandescente de alguns. Tudo isto na antecipada certeza de que o pluralismo tem obviamente um custo, que por vezes se paga com tensão e conflito. Mas estes constituem habitualmente um excelente terreno para estimular os sentidos e promover a mudança. A nossa Escola vive hoje num tempo diferente. Que já não é aquele em que porventura não se sabia o que havia de ser no dia seguinte. Têm vindo a ser concretizadas múltiplas iniciativas e relatórios no âmbito da aferição do seu sistema e funcionamento pedagógico. Que têm evidenciado o muito que de bom tem sido concretizado e, simultaneamente, revelado algumas situações preocupantes. Situações que são realidades e que não podem ser colocadas nas gavetas do esquecimento. Não seria aceitável que tais relatórios e iniciativas de aferição do sistema tivessem poucas ou nenhuma consequência. Nem seria aceitável sacrificar gerações mantendo erros ou falhas detectados.

Recentemente renovado na sua composição, o Departamento de Educação Médica continuará a exercer a sua missão com entusiasmo. Manter-se-á atento e empenhado, sem desistir nem se acomodar, procurando estimular pela sua prática e sentido de intervenção. Numa postura em que vontade, motivação, inovação e optimismo, serão algumas das palavras de ordem.

É tempo de olharmos as novas correntes e posicionamentos pedagógicos, de os conhecermos e estudarmos. De estarmos preparados para os aceitar e assimilar quando for caso disso, ou para os adaptarmos à nossa realidade. O que só terá interesse e validade se nos conhecermos a nós próprios e tivermos uma ideia do que queremos ser como Faculdade. Este é o ponto de partida. Este é ponto de chegada. Aceitemos pois as mudanças no ensino como um dos objectivos maiores do nosso tempo. Saibamos ouvir a mensagem daqueles que se vêm empenhando na divulgação das novas perspectivas de abordagem e concretização dessas mudanças. Não nos consideremos detentores de conhecimentos definitivos e indiscutíveis, nem deixemos que os anos de experiência ou que os graus e posições académicas alcançados, sejam a um tempo lugar de repouso e garantia de infalibilidade. Porque o verdadeiro espírito universitário deve caracterizar-se precisamente pela insatisfação, pela criatividade, pela peregrinação contínua em busca do conhecimento e de novas soluções.

Duarte Nuno Vieira
Presidente do Departamento de Educação Médica e do Conselho Pedagógico

(transform)Acções em Educação Médica: O Contributo das Ciências da Educação



«A educação é uma empresa demasiado fundamental para que se possa aceitar o risco de a abordar sem ter concebido um projecto de acção pedagógica, e construí-la sem ter verificado se deu frutos (...)» D'Hainaut, 1983)

A Educação Médica assistiu a grandes mudanças na última década. Ensino Integrado, Aprendizagem Baseada em Problemas, Aprendizagem na Comunidade, currículo nuclear com disciplinas opcionais, ênfase acrescido na “performance based assessment” e na diversificação de técnicas e instrumentos e um planeamento curricular mais sistemático são algumas das propostas educacionais inovadoras adoptadas por um número crescente de Escolas Médicas em numerosos países (Harden e Crosby, 2000).

Estas poderosas correntes reformadoras são, em grande medida, fundadas no saber produzido no domínio das Ciências da Educação. Estas constituem-se como produtoras de conhecimentos, princípios e modelos abrangentes que procuram explicar cientificamente os processos de ensino/aprendizagem, e conduzir as intervenções dos profissionais da educação no sentido de uma maior eficiência (Chatterji, 2005; Pressley, Graham, Harris, 2006; Lyon, 2005; Visscher-Voerman, Gustafson 2004). Não é possível, hoje, desenhar projectos educativos, conceber inovações, ou avaliar processos sem uma leitura cuidadosa do conhecimento fundamental que as Ciências da Educação têm vindo a produzir. O desenvolvimento observado na Educação Médica radica na linha do construtivismo, uma epistemologia educacional que postula que os indivíduos criam ou constroem as novas compreensões ou conhecimentos através da interacção do seu conhecimento e crenças prévias com as ideias, os acontecimentos e as actividades com que travam contacto (Cannell e Reiff, 1994; Richardson, 1997 citados por Abdall-Haqq, 1998). O conhecimento é adquirido através do envolvimento com o conteúdo ao invés da mera imitação ou repetição (Behaviorismo) e as actividades de aprendizagem em contextos construtivistas são caracterizadas por um envolvimento activo do aluno, questionamento, resolução de problemas e colaboração com outrem (Abdall-Haqq, 1998). Mais do que um fornecedor de informação, o professor torna-se um guia, facilitador e co-explorador que encoraja os alunos a questionar, a desafiar, a formular as suas próprias ideias, opiniões e conclusões (Tavares, Alarcão, 2005). As abordagens construtivistas ao ensino são encaradas como produtoras de uma compreensão mais profunda e significativa do que alguns métodos pedagógicos tradicionais. Piaget, Vigotski, Bruner ou Ausubel são alguns dos expoentes das teorias construtivistas.

A inovação curricular no centro da transformação organizacional

Em linha com este pensamento, a grande demanda actual das instituições educativas é a de melhorar as condições e o ambiente em que se realizam as aprendizagens dos alunos (Cannon & Newble, 2000). Este esforço, que abrange todas as dimensões da Escola, da filosofia aos métodos de avaliação, cristaliza-se em torno do curriculum, que se apresenta, assim, como o centro da estruturação educacional. Este papel nuclear justifica que, como aponta Kelly (1991, p. 50), as instituições educativas “deveriam planear o seu currículo como um todo. O currículo oferecido por uma escola e que é recebido por cada aluno individualmente não deve ser, simplesmente, uma colecção de matérias separadas.”

A irracionalidade e dispersão curriculares são empecilhos enraizados que devem ser combatidos através da cuidadosa planificação de todos os passos a seguir, sem nos deixarmos contentar, como adverte Richmond, W. K. (1991), com que o currículo se desenvolva num processo afim ao da selecção natural, sem controlo. É imperioso entender o currículo e as suas componentes como uma unidade integradora do que se quer fazer aprender a todos os alunos de forma eficaz e não mais como uma espécie de propriedade solitária de cada disciplina. A convicção firme de que um currículo conscientemente planeado e dinamicamente concebido requer uma sistematização coerente e ordenada impõe a definição clara das fases ou etapas curriculares. Nesta linha de abordagem técnica encontramos sensivelmente as mesmas etapas, identificáveis em vários modelos (eg. Taba, 1983): 1. Diagnóstico das necessidades educacionais, 2. Definição de metas e objectivos, 3. Selecção de conteúdos, 4. Selecção de experiências de aprendizagem; 5. Determinação dos métodos de avaliação.

O processo de desenvolvimento curricular, assim entendido, integra três momentos principais: elaboração/planificação, implementação e avaliação, tudo se conjugando numa racionalização dos meios em função dos objectivos e dos resultados a atingir (Pacheco, 2005).

Este modelo ajuda-nos a perspectivar algumas das dificuldades inerentes à inovação educativa, como por exemplo: como promover a adequação e a relevância do currículo às necessidades da diversidade dos nossos alunos e da sociedade? Como conseguir a articulação vertical e horizontal do currículo numa escola organizada atomisticamente? Como conseguir que os alunos desenvolvam capacidades de pesquisa, de reflexão, de comunicação, de solidariedade, de respeito, etc., se não existir um projecto curricular comum que envolva todos os professores na estimulação coordenada dessas capacidades transversais?

Avaliar, informar e apoiar estes processos são actividades que constituem o âmago das Ciências da Educação e do contributo que elas podem dar ao aperfeiçoamento pedagógico do Ensino Médico.

Mudanças no papel dos professores

Por muito que se sublinhe a racionalidade técnica do currículo, a realidade prática é que ele consiste numa tarefa complexa partilhada por muitos profissionais. O mais exposto e maior responsável, é o professor. Contudo, como adverte Varela Freitas (1988), num currículo adequadamente organizado, ele é apenas o último executor do plano, cuja responsabilidade partilha com o conjunto da Escola. Tradicionalmente, do professor esperava-se apenas que fosse detentor de uma sólida base de conhecimento científico e que, na sua disciplina específica, reproduzisse esse saber perante os seus alunos. Actualmente reconhece-se que o papel do professor ultrapassa largamente, em complexidade e abrangência, o que lhe era classicamente atribuído. Harden e Crosby (2000) elaboram uma síntese dos papéis que as exigências modernas da profissão impõem aos docentes. Identificam seis grandes áreas integradoras, que dão uma noção da complexidade das tarefas do professor: Facultador de informação, “Role-model”, Facilitador, Avaliador, Planificador e Criador de recursos. Importa analisar cada um destes papéis em maior detalhe.

O papel de **facultador de informação** é o que corresponde a uma concepção

tradicional e limitada das funções do docente universitário. As tarefas essenciais que este deve desempenhar são as de selecção, organização e disseminação da informação nas aulas expositivas, práticas ou clínicas. Mas a este papel somam-se outros tão ou mais importantes.

A importância do professor como “*role-model*” está bem documentada. Reconhece-se que o exemplo do professor exerce uma influência muito poderosa sobre os padrões de conduta e prática dos alunos, porquanto estes aprendem pela observação e imitação dos docentes por quem nutrem respeito. Estes devem demonstrar entusiasmo e despertar nos alunos a curiosidade e ânsia por uma compreensão mais profunda dos saberes essenciais ao bom desempenho médico.

O *professor-facilitador* não é um mero transmissor de informação, mas alguém que encoraja e promove a auto-aprendizagem dos alunos. Esta mudança é reflexo da abordagem construtivista à aprendizagem, segundo a qual o conhecimento é “construído” na mente do aluno e está em constante evolução. Este novo papel exige ao professor um grande domínio das competências de comunicação, de relacionamento interpessoal e de gestão de (pequenos) grupos, de modo a criar ambientes de aprendizagem propícios a discussões e trocas de ideias que estimulem a aprendizagem significativa e por descoberta por parte dos alunos.

A avaliação é hoje um dos maiores desafios colocados à Educação Médica. O professor enquanto *avaliador* desempenha hoje funções que compreendem quer a avaliação dos alunos, quer a avaliação do currículo. A avaliação dos alunos não pode ser apenas sinónimo de classificação ou juízo acerca de desempenhos pontuais. Torna-se imperioso articular estratégias de avaliação sumativa com as de avaliação formativa, decidir como e quando avaliar, que instrumentos de avaliação utilizar, procurando concebê-los de modo a que a avaliação seja sempre válida, transparente, justa e congruente com os objectivos de aprendizagem definidos. Como avaliador do currículo, o professor tem a responsabilidade de monitorizar e avaliar a eficiência do seu ensino e a sua relação com o projecto curricular da escola. Assim, torna-se necessário desenvolver estratégias de auto-avaliação, de feedback pelos pares, pelos alunos, pelos órgãos de gestão da escola, entre outras.

A *planificação curricular* constitui-se como outra importante função do professor. Para planificar as sessões de ensino, ou contribuir para a elaboração do currículo global, o professor deve conhecer as necessidades a que aquele visa responder, os objectivos que com ele se pretende atingir, ser competente na gestão dos conteúdos e sua organização, na selecção das estratégias educativas, dos métodos de ensino e procedimentos de avaliação, e, ainda, compreender o contexto educativo em que vai ser implementado o currículo, bem como os

mecanismos necessários à sua gestão.

Por último, o papel de *criador de recursos* educativos apropriados e adequados aos objectivos de aprendizagem definidos implica que os professores possuam, por um lado, um conhecimento dos recursos existentes e das suas potencialidades - assiste-se a uma explosão do uso das novas tecnologias associado à criação de novos ambientes e recursos de ensino-aprendizagem e avaliação virtuais - e, por outro, que sejam capazes de escolher, por entre uma enorme variedade de recursos, aqueles que melhor servem esses objectivos. Esta escolha implica muitas vezes que o professor crie os seus próprios recursos, ou adapte recursos existentes à sua realidade.

Poder-se-á dizer que esta proposta nada traz de novo uma vez que todas estas dimensões estavam já presentes no bom ensino, de todos os tempos. Será verdade, mas a ênfase na aprendizagem, mais do que no ensino, no professor mais do que no aluno, nas competências mais que nos conhecimentos, na facilitação da aprendizagem mais do que na transmissão passiva de dados consubstancia uma profunda mudança de paradigma. Trata-se de um desafio complexo, cuja exigência é extraordinariamente ampliada no contexto do ensino Médico, em virtude da multiplicidade de dimensões (éticas, técnicas, sociais, comunicacionais, etc) inerentes ao exercício da Medicina.

É consensualmente reconhecido, a nível internacional, que esta transformação, da Escola, do curriculum e das práticas, exige o apoio de uma estrutura de coordenação curricular bem alicerçada na Escola e servida por profissionais dedicados à metodologia educativa.

O contributo das Ciências da Educação pode ser decisivo a vários níveis; avaliar, interpretar e integrar criticamente a informação obtida a partir das várias fontes e instrumentos; conceber modelos de intervenção, orientações e políticas educativas; planificar e operacionalizar programas e projectos, acções educativas e formativas; intervir, na base do domínio de métodos, técnicas e recursos adequados às situações e problemas; formar professores, e outros agentes educativos; desenvolver investigação educacional que permita encontrar novos caminhos e soluções.

Ana Linda Silva e Hugo Camilo Conceição

Educacionalistas. Colaboradores do Departamento de Educação Médica da FMUC

Bibliografia:

1. Abdal-Haq, Ismat (1998) Constructivism in Teacher Education: Considerations for Those Who Would Link Practice to Theory, ERIC Digest, ED426986. Disponível em: <http://searcher.org/scripts/seget2.asp?db=erict&want=http://searcher.org/ericdc/ED426986.htm>
2. Cannon R. & Newble, D. (2000) A Handbook for Teachers In Universities And Colleges - A Guide To Improving Teaching Methods. (4th Ed.). London: Kogan Page;
3. Chatterji M. (2004) Evidence on "What Works": An Argument for Extended-Term Mixed-Method (ETMM) Evaluation Designs. Educational Researcher Washington: Dec 2004. Vol. 33, Iss. 9, p. 3-13 (11 pp.)
4. D'Hainaut, L. (1983) Des fins aux objectifs: Un cadre conceptuel et une méthode générale pour établir les résultats attendus d'une formation. Paris: Fernand Nathan.
5. Harden R. M. & Crosby J. R. (2000) The Good Teacher is More Than a Lecture: The Twelve Roles of the Teacher. AMEE Medical Education Guide No.20;
6. Kelly (1991) Concepções de Currículo e Planeamento Educativo. Machado, F. A e Gonçalves M. F. (org) Currículo e Desenvolvimento Curricular - Problemas e Perspectivas. Coleção Biblioteca Básica de Educação e Ensino Rio Tinto: Edições Asa, pp.49-53;
7. Lyon, G. R. (2005) WHY SCIENTIFIC RESEARCH MUST GUIDE EDUCATIONAL POLICY AND INSTRUCTIONAL PRACTICES IN LEARNING DISABILITIES. Learning Disability Quarterly Glenside: Spring 2005. Vol. 28, Iss. 2, p. 140-143 (4 pp.);
8. Pacheco, J. A. (2005) Currículo: Teoria e Práxis, (3ª Ed.). Coleção Ciências da Educação, 22. Porto: Porto Editora;
9. Pressley, M., Graham S., Harris, K. (2006) The state of educational intervention research as viewed through the lens of literacy intervention. British Journal of Educational Psychology Leicester: Mar 2006. Vol. 76, Part 1 p. 1-19 (19 pp.);
10. Richmond, W. K. (1991) O Desenvolvimento Curricular como Instrumento de Mudança. Machado, F. A e Gonçalves M. F. (org) Currículo e Desenvolvimento Curricular - Problemas e Perspectivas. Coleção Biblioteca Básica de Educação e Ensino. Rio Tinto: Edições Asa, pp.28-31;
11. Taba H. (1983) Curriculum Development: Theory and Practice. New York, Harcourt : Brace & World;
12. Tavares, J. e Alarcão, I. (2005). Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Coimbra: Edições Almedina;
13. Varela Freitas, C. (1988) O Planeamento na Estruturação do Currículo. C.R.S.E., Planeamento Educativo, Lisboa: M.E., G. E. P., pp.31-41;
14. Visscher-Voerman, I., Gustafson, K. L. (2004) Paradigms in the Theory and Practice of Education and Training Design Educational Technology, Research and Development Washington: 2004. Vol. 52, Iss. 2, p. 69-89 (21 pp.);

CAUSA NOSTRA

Teaching Improvement Project - Cursos TIP's

FMUC vai lançar a partir de Outubro um curso regular de formação pedagógica para docentes. Este curso, que segue o modelo testado e maturado na Universidade de Nottingham, constitui um pilar fundamental da estratégia da escola para aperfeiçoamento contínuo. Os formadores para este curso têm estado muito activos na aquisição das suas próprias competências.

O primeiro curso terá lugar em 9 e 10 de Outubro e receberá como "formandos" todos os doutorados que integram os Conselhos Directivo, Científico e Pedagógico. Começamos pois, com o pé direito! Convidamos todos os docentes da FMUC a inscreverem-se logo que possível. Faça-o cedo! Esperamos grande concorrência.

"Prioridades 2007"

À semelhança do ano transacto, o Departamento de Educação Médica vai lançar, com o apoio dos Conselhos Científico e Pedagógico a campanha "Prioridades2007", que visa conjugar o esforço de todos os regentes de Medicina e de Medicina Dentária na procura continuada de excelência pedagógica. Os temas centrais para 2007 serão:

- 1- Definição do perfil do Licenciado;
- 2- Definição de Objectivos (currículo orientado por competências)
- 3- Dinamização das áreas pedagógicas

Tertúlias **EDUcare**

Estas tertúlias, destinadas ao debate de temas de Educação Médica, têm lugar todas as segundas quartas-feiras dos meses ímpares (Jan, Mar, ...). Realizaram-se já quatro destas sessões. Tivemos grandes oradores e grandes temas mas uma audiência bem inferior, em número, ao que os objectivos e a qualidade justificariam.

Contamos consigo na próxima:

«EVOLUÇÃO/REVOLUÇÃO EM EDUCAÇÃO MÉDICA - PODEM AS FACULDADES DE MEDICINA AUTO-REFORMAR-SE?»

Orador: Professor Doutor Joaquim Pinto Machado

Dia: 12 Julho de 2006 Horário: 21:30 m Local: Clube Médico de Coimbra (Av. Afonso Henriques, 39)

Inquéritos Pedagógicos

Os alunos e docentes da FMUC serão, em breve, chamados a opinar sobre o conteúdo e estrutura dos inquéritos de avaliação pedagógica a adoptar pela escola a partir do próximo ano lectivo. É fundamental que todos deem o seu contributo para garantir que os inquéritos são válidos e se dirigem às preocupações principais dos que aqui trabalham.

Participe! Molde o Futuro da sua Escola!

Fórum **EDUcare**

A Secção de Ensino Pré-Graduado organizou, de Março a Maio de 2006 um conjunto de sete debates com oradores prestigiados que visaram enriquecer a formação dos alunos da FMUC em áreas complementares ao currículo. Foram abordados temas diversos como "O médico como pessoa", "Como comunicar más notícias", "Dilemas éticos da profissão médica", "Promoção do sucesso académico", "Desafios actuais da investigação em ciências Biomédicas" e "Make the most of your learning opportunities", entre outros. A adesão dos alunos traduziu-se em mais de trezentas presenças e apreciação fortemente positiva destas iniciativas. Os oradores manifestaram também grande satisfação nos debates que tiveram com os alunos da nossa escola.

Voltaremos com novos tópicos e desafios.



OPORTUNIDADES

International Postgraduate programme 2006

O Programa Internacional de Pós-Graduação da Escola de Ciências da Saúde - Universidade do Minho, destaca este ano, para além dos diversos cursos em Ciências Biomédicas, várias workshops em Educação Médica.

WEB: www.ecaude.uminho.pt/postgrad

V Congresso de Investigação em Medicina

Auditório da Reitoria da Universidade de Coimbra

23 e 24 de Novembro de 2006

Este encontro irá abordar temas de investigação científica e pedagogia, oferecendo ainda uma mostra da investigação realizada na nossa escola.



Porto Rico

16 a 18 de Julho de 2006

WEB: www.iamse.org/conf/conf10/index.htm

Ética e "Blended Learning" em Educação Dentária

Ética e "Blended Learning" em Educação Dentária.

Cracóvia, Polónia

30 De Agosto a 2 de Setembro de 2006

WEB: <http://www.adee2006.krakow.pl/>

Conferência Anual AMEE 2006

Génova, Itália

14 a 19 de Setembro de 2006

Este congresso europeu, realizado desde 1973, conta com cerca de 1800 participantes e proporciona a discussão de um vasto leque de tópicos em Educação Médica, cobrindo as áreas de pré-graduada, pós-graduada e desenvolvimento profissional contínuo. O congresso assume especial relevância no espaço científico europeu e mundial, reunindo um vasto leque de profissionais de excelência nas diferentes áreas de intervenção em Educação Médica.

WEB: <http://www.amee.org/conf06index.html>

O Núcleo de Estudantes de Medicina

O Núcleo de Estudantes de Medicina é parte integrante da secular Associação Académica de Coimbra e assume-se como o representante institucional dos Alunos de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Tendo completado já 8 anos de existência, o NEM/AAC sempre estabeleceu, como propósito fundamental da sua actuação, o acesso dos Estudantes de Medicina a actividades

diversas, de índole científica, pedagógica, cultural e recreativa, proporcionando-lhes assim indispensáveis oportunidades de enriquecimento pessoal e aprofundamento do seu espírito, mutuamente científico e humanista. O espírito de empenho e dedicação à causa associativa que as sucessivas direcções lhe têm emprestado faz deste núcleo uma força viva no panorama do associativismo local e nacional. Tudo isto resulta, em última instância, numa plena e activa representação dos estudantes de Medicina da FMUC.

Paulo Neves

Presidente do Núcleo de Estudantes de Medicina da Associação Académica de Coimbra.